



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/travessias-de-pesquisa/>

## Travessias de pesquisa e itinerários do ser(tão): experiências de leituras e coexistências na pós-graduação

Letícia Dell' Osbel [1]

**RESUMO:** Este ensaio apresenta recortes de experiências de leituras e de coexistências na pós-graduação que propulsaram movimentos de libertação para novos e outros itinerários do ser e para novas e possíveis travessias de pesquisa. A escrita ensaística mostra um corpo-pensamento que se aventura a um exercício vivo de experiência-escrita ao também ser movimentada pelos afetos com a obra literária *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. “No meio” dessa travessia de pesquisadora em educação, surgem outros olhares para a produção de uma pesquisa na pós-graduação que investiga as subjetividades surdas em escolas estaduais de ensino regular. À medida que a escrita ensaística coloca em movimento as subjetividades de uma autora em experiência, entre aquilo que é e aquilo em que está se tornando, também deseja pôr em movimento as subjetividades surdas. Para tanto, escolhe-se como materialidade de pesquisa as narrativas-experiências surdas com o intuito de reconhecê-las como potência para pensar o ser e estar sendo surdo nos espaços escolares e a produção de outros possíveis em uma escola voltada às experiências de singularização e de operação de uma educação menor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subjetividades. Experiências. Pesquisa em educação.

---

Investigation crossings and journeys of the Ser(tão): reading experiences and coexistences in post-graduation

**ABSTRACT:** This essay present pieces of reading experiences and of coexistences in post-graduation, which propelled movements of liber(a[c]tion) concerning other and new journeys of being and also new possible research crossings. The essayistic writing shows a body-mind that ventures out in a living exercise of experience-writing while is moved by the affects from the literary piece *Grande sertão: veredas*, by Guimarães Rosa. “In the middle” of this crossing as an Education researcher, there are many perspectives that point towards a research in post-graduation that investigates the subjective of deaf people in state public schools from regular education. As the essayistic writing moves the subjectivities from an experimenting author, which comprehend what she is and what she is becoming, it also want to do the same thing with deaf people’s subjectivities. To do so, we choose as material



of the investigation the narratives-experiences from deaf people aiming to acknowledge them as individuals with potential for us to think about the to be and to being deaf in school spaces alongside the production of another ones in a school driven to the experiences of singularization and practice of an education regarding each micro movement.

**KEY-WORDS:** Subjectivities. Experiences. Education research.

---

*“Digo: o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.”*

(Rosa, 2019, p. 53)

O que se passa “no meio da travessia” das experiências de leitura e de coexistência que tenho vivenciado no novo espaço que ocupo – a pós-graduação? Esse questionamento move a minha escrita. Uma escrita que não busca uma compreensão, mas que escapa dessa representação e se desloca para um exercício vivo de escrita-experiência. Uma escrita ensaística, que faz da leitura e da escrita meus lugares de experiência, e da pós-graduação um espaço de movimentação, que tem contribuído para despertar outros itinerários do meu ser(tão). É assim que tenho sido afetada, é assim que tenho me reconhecido: em uma permanente experimentação de vida.

Nesse sentido, apresento neste ensaio contribuições de Dias (1993), Gallo (2002), Larrosa (2004, 2011), Mansano (2009), Pereira (2012) e Rolnik (2003), que me provocaram fissuras, vazios e encontros com meus processos subjetivos ao estudá-los no espaço acadêmico. E, numa tentativa mais do que ousada, também desejo movimentar essas contribuições com trechos de um grande clássico da literatura brasileira que há muito tempo desejava ler, *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa (2019), e que me provocou a (re)pensar os modos de vida e de existência, e, por conseguinte, os modos de pesquisa em que tenho me aventurado junto com os autores supracitados.



O livro é um convite aberto ao exercício de experienciação de vida: “E eu estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente” (Rosa, 2019, p. 77). Do início ao final da narrativa, acompanhamos Riobaldo, que vai contando suas memórias, caminhos e descaminhos a um interlocutor, que não se manifesta aberta e explicitamente, mas que é capaz de deixar o jagunço livre e exposto para reviver as experiências de sua vida. Todas as memórias passam por uma complexa análise de Riobaldo, que não resgata os acontecimentos na tentativa de compreendê-los, mas sim de produzir-se com os encontros e pela forma como foi e está sendo afetado por eles. Ele se desloca de possíveis certezas e definições e transborda para outros significados, em uma permanente inquietação.

Toda narrativa é de um impressionante movimento existencial de pensar-se: “Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar” (Rosa, 2019, p. 25). Conforme Riobaldo vai apresentando as passagens de sua vida, vai deixando o leitor em desassossego com as provocações que invoca e vai transbordando de vida a sua história. No livro não há capítulos, pois há um movimento de pensamento contínuo. Em meio a lembranças e incertezas, Riobaldo vai tendo fluxos de consciência sobre o que existe: o ser humano em sua travessia. A partir disso, vai convidando o leitor a também ir de si, do ser(tão) à travessia, para sentir o pulsar de sua existência: a matéria vertente.

Teço esta breve contextualização para contar dos movimentos que faço com a obra. Busco utilizá-la, junto aos demais autores, como disparadora de uma atitude estética que “é uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento ‘em si’, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele produz em mim, na minha percepção, no meu sentimento” (Pereira, 2012, p. 186). Assim, utilizo-me de alguns trechos da obra de Rosa que são potentes para pensar outros possíveis, recortes que me colocaram



em suspensão e em um pensar-me junto do momento atual em que me encontro, de travessia na pesquisa acadêmica.

Nesse sentido, filio-me aos estudos de Larrosa (2011, p. 5), compreendendo a experiência “como isso que me passa” ao pensar como venho sendo (des)construída, à medida que tenho vivenciado as experiências de encontros com estas leituras, com o compartilhamento entre colegas e professores nesse espaço da pós-graduação. As experiências que me atravessam com violência e me convocam a pensar nas minhas representações, meus saberes, meus sentimentos e que têm me (re)construído em uma nova versão, muito mais aberta ao acontecimento, como aquilo que está sendo vivido e como é vivido. Conforme Larrosa (2011, p. 7): “De fato, na experiência, o sujeito faz a experiência de algo, mas, sobretudo, faz a experiência de sua própria transformação”. O mesmo acontece com este momento de escrita: coloco-me em um movimento de experienciar entre aquilo que sou e aquilo em que estou me tornando.

“No meio” dessa travessia de pesquisa em educação, “entre” uma leitura e outra, no processo de coexistência que estou envolvida, produzo ruídos internos que disparam novos, outros e múltiplos olhares. À medida que busco respostas em horizontes que se desvelam, novas inquietações surgem. Sou atravessada por movimentos que me fazem pensar na minha potência na e pela vida e na aposta que, como educadora/pesquisadora, faço na e pela potência do outro. E assim, em meio a um processo de experiência do mundo em mim, vou experimentando a subjetividade como uma produção contínua, “uma matéria-prima viva e mutante a partir da qual é possível experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir” (Mansano, 2009, p. 112).

Essas experiências de leitura, que por ora me desafiam a esta experiência de escrita, têm produzido em mim processos de singularização muito potentes. Reconheço-me como



sujeito da experiência, “esse sujeito que temos caracterizado já como aberto, vulnerável, sensível e ex/posto” (Larrosa, 2011, p. 18), contribuindo para novos e outros itinerários do meu ser(tão), afinal, como diz Guimarães Rosa, “o sertão é dentro da gente” (Rosa, 2019, p. 224).

Nesse sentido, volto à obra literária *Grande sertão: veredas*, em que Riobaldo, ao longo da narrativa, também vai se produzindo enquanto “sujeito de sua experiência” e busco movimentar essa ideia com a minha pesquisa sobre as subjetividades surdas nas escolas estaduais de ensino regular do Vale do Taquari/RS. Como essas subjetividades surdas vão se produzindo nos espaços escolares que ocupam? Quais desdobramentos culturais o atravessam? Como e quais são as resistências contra o colonialismo e a exclusão nesses espaços? Encontro-me na fase inicial da pesquisa, mas muito atenta aos movimentos que posso potencializar, e, por isso, coloco em destaque a materialidade escolhida: as narrativas-experiências das subjetividades surdas a partir do exercício de entrevistas.

Inspirada em Guimarães Rosa, na posição de entrevistadora quero colocar-me como o interlocutor do livro, permitindo que os estudantes surdos façam movimentos de pensamento como Riobaldo, que se deixem levar pelas lembranças, pelos afetos, pelos atravessamentos ao longo de sua travessia. “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com outros acho que nem não misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância” (Rosa, 2019, p. 76). Assim, intenciono que as narrativas-experiências possam ser um convite para as subjetividades surdas irem do seu ser(tão) à sua travessia, experienciando, em meio aos seus processos de subjetivação surda, possibilidades de singularização.

Da mesma forma, quero que as narrativas surdas sejam também encontros com os meus processos subjetivos, ao deixar-me ser afetada por elas, para que eu também protagonize a



minha travessia. Busco no encontro com essas narrativas surdas tornar visível a força das experiências-marcas. Rolnik (2003, p. 2) apresenta o conceito de marcas como

estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo. Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo, o que significa que as marcas são sempre gênese de um devir.

Experiências-marcas que possibilitam a abertura para outros possíveis, não só para quem está sendo entrevistado, mas para todos que tiverem a oportunidade de conhecer e pensar sobre a materialidade dessa pesquisa, afinal “um sentir é o do sentente, mas outro é do sentidor” (Rosa, 2019, p. 227).

Penso que a produção de minha pesquisa encontrará nas experiências-marcas uma força potente para problematizar como elas podem formar, (de)formar, (trans)formar os espaços que as subjetividades surdas ocupam e suas coexistências. Escolho então ater-me à escola, pois quero protagonizar uma pesquisa que inquiete a escola e seus profissionais ao movimento de travessia a partir destes questionamentos: será que é possível viver com o outro sem a necessidade de colocá-lo em uma lógica binária (anormal/normal, excluído/incluído, aprende/não aprende)? Será que conseguimos fazer escola por meio de experiências de singularização de seus sujeitos?

Utilizo-me de Rosa quando diz: “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa” (2019, p. 18) para pensar no arquivo vida-pesquisa que estou constituindo e sou interpelada pelos questionamentos que me colocam em travessia: quais modos de vida-pesquisa precisam ser recusados e quais pedem passagem? Qual é a potência de minha/nossa existência para produzir outros modos de existir, outros modos de pesquisar, outros modos de fazer escola?



Além disso, desejo que minha pesquisa proporcione, a mim, aos envolvidos e a quem se encontrar com ela através da leitura, a suspensão, o deslocamento, a (des)construção, de modo que os estudantes surdos sejam vistos nesses espaços como sujeitos da experiência (Larrosa, 2011) e não assujeitados por atravessamentos discursivos de domínios linguísticos, educacionais e políticos. Que a pesquisa possa mobilizar a resistência à subalternização e à colonialidade ouvinte, bem como aos processos de normalização, ao estar distanciada do viés clínico-terapêutico e imbricada nas concepções socioantropológicas que compreendem a surdez como diferença cultural e o ser e estar sendo surdo como uma constituição permanente.

Segundo Rosa, “as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas [...] elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (Rosa, 2019, p. 24). Por isso intencio, com a minha pesquisa, atingir esse movimento de transform(ação) para pensar o ser e o estar sendo surdo em tempos líquidos; a produção de uma escola que possa buscar brechas para outras experiências; a resistência aos engessamentos, aos discursos como verdades da educação e ao projeto moderno de escola e de sujeito. Uma escola que possa encontrar outros possíveis a partir da mobilização de uma coexistência – eu e o outro – em experiência de singularização e militância.

Entretanto, para que esses movimentos possam acontecer, é necessário ter coragem. “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem” (Rosa, 2019, p. 230). Coragem para aventurar-se nessa experiência de vida movida pelo acontecimento “como um vazio, uma lacuna dos sentidos, a emergência de algo novo, uma rachadura, linha do sentido rasgada, desfiada, triturada, esmigalhada que abre forças de pensamento” (Dias, 1993, p. 162). Coragem para um demorar-se, um recuar, um resistir para (re)existir. Portanto, ver o acontecimento como abertura do novo, como desvio do que se captura, do



que se pré-determina, do que se engessa. O acontecimento como experimentação de vida-pesquisa, afinal, “viver – não é? – É muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender – a – viver é que é o viver, mesmo” (Rosa, 2019, p. 418).

Rosa ainda reforça: “Viver é um descuido prosseguido” (2019, p. 57), e me convida a acolher, em minha pesquisa, a vida como um espaço-tempo efêmero, as subjetividades como uma produção contínua de um corpo-experiência. Diante disso, coloco-me à espreita, aberta aos vazamentos da vida, pronta para demorar-me, recuar e tomar fôlego em meio às leituras, encontros, conexões. Assim vou compondo essa escrita e a minha vida-pesquisa como um arquivo poroso, de devires, porvires, envolvida em um movimento de libert(ação) de representações, discursos, certezas de modo a buscar outros fluxos, novas experimentações. Tenho feito das problematiz(ações) ruídos, fissuras ao que já tenha sido dado, buscando respiros para novos caminhos, novas travessias, novos itinerários de ser(tão), afinal, “a liberdade é assim, movimentação” (Rosa, 2019, p. 232).

Nesse sentido, trago o conceito de educação menor de Gallo – “ato de singularização e militância” (Gallo, 2002, p. 173) – para reforçar a urgência de um desafio: produzir nossas subjetividades colocando-nos à luta, à resistência dos fluxos de ordem, de segurança, de verdades, protagonizando uma educação menor, pois, sem fazer o tensionamento, o enfrentamento, é impossível produzir outros efeitos. Além disso, estar à mercê de uma vida provisória, pulsante, mutante que nos instiga a estar conectados a ela e aos seus sujeitos para que possamos produzir novas e outras formas de experienciar a vida, experienciar a escola, experienciar a pesquisa em educação, (re)construindo nossos modos de existência e de coexistência.

Pensando em minha pesquisa, desejo experienciar e compor, através das narrativas surdas dos estudantes do Vale do Taquari/RS, um convite a pensar outros modos de existências





surdas, outros possíveis na escola, a partir de disparadores nos discursos das experiências-marcas desses sujeitos. Que a pesquisa parta da problematiz(ação) de um “ideal” de identidade surda, de um “ideal” de LIBRAS, de um “ideal” de escolas inclusivas para romper com esse engessamento e tecer movimentos de singularização.

Por fim, encaminho-me para a conclusão deste ensaio, mas não do processo em que sinto estar envolvida. E vejo nas palavras de Guimarães Rosa – “Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só fazer outras maiores perguntas” (2019, p. 297) – um convite a continuar sendo movida por estes, por outros e por novos questionamentos. E assim, inspirada em Nietzsche (*apud* Larrosa, 2004, p. 28), que eu possa seguir ensaiando e perguntando ao longo de todos os meus caminhos.

## **Bibliografia**

- DIAS, Susana Oliveira. Escuta inumana: murmúrios de uma vida irrepresentável pelo grito arquivista... **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 32, n. 62, p.155-167, jun. 2014.
- GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, 169-178, jul./de. 2002.
- LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, jan./jun. 2004.
- LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 19, n. 2, p. 04-27, jul./dez. 2011.
- MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.
- PEREIRA, Marcos Villela. O limiar da experiência estética: contribuições para pensar um percurso de subjetivação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 183-195, jan./abr. 2012.



ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 241-251, set./fev. 1993. Disponível em:

<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensamentocorpodevir.pdf>. A

cesso em: 06 jan. 2021.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 22. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

*Recebido em: 20/03/2021*

*Aceito em: 15/04/2021*



[1] Mestranda em Educação na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [letidellosbel@gmail.com](mailto:letidellosbel@gmail.com)